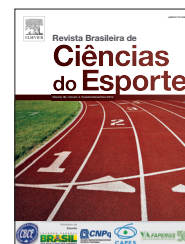




Revista Brasileira de CIÊNCIAS DO ESPORTE

www.rbceonline.org.br



ARTIGO ORIGINAL

Editoração de periódicos em Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades e desafios

Go Tani

Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Recebido em 12 de julho de 2013; aceito em 13 de outubro de 2013

PALAVRAS-CHAVE

Educação física;
Ciências do esporte;
Editoração;
Identidade acadêmica

Resumo A Educação Física/Ciências do Esporte é uma área de conhecimento ainda incipiente em que os periódicos científicos têm um importante papel a desempenhar: contribuir para a definição e legitimação da área de conhecimento e estabelecer critérios de qualidade para a realização e divulgação de pesquisas. O presente ensaio tem como objetivo identificar e discutir algumas dificuldades e desafios na editoração de periódicos para cumprir esse papel e apresentar sugestões no tocante a tipos de publicação para atender às necessidades não apenas acadêmicas, mas também profissionais da área.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

KEYWORDS

Physical education;
Sport sciences;
Publishing;
Academic identity

Publishing journals in Physical Education/Sport Sciences: difficulties and challenges

Abstract Physical Education/Sport Sciences is still an incipient field of knowledge in which scientific journals have an important role to play: to contribute to the definition and legitimation of the field and to establish criteria of quality to carry out and to publish researches. The objective of the present essay is to identify and discuss some difficulties and challenges in publishing journals to accomplish this role and to present suggestions concerning types of journals to attend not only academic but also professional demands of the field.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Published by Elsevier Editora Ltda. All rights reserved.

E-mail: gotani@usp.br

PALABRAS CLAVE

Educación física;
Ciencias del deporte;
Edición;
Identidad académica;

La edición de revistas en Educación Física/Ciencias del Deporte: dificultades y desafíos

Resumen La Educación Física/Ciencias del Deporte todavía es un área de conocimiento incipiente en que revistas científicas tienen un papel importante a cumplir: contribuir con la definición y legitimación del área de conocimiento y establecer criterios de calidad para la realización y difusión de la investigación. Este trabajo tiene como objetivo identificar y discutir algunas dificultades y desafíos en la edición de revistas para cumplir este papel y hacer sugerencias sobre el tipo de publicación para satisfacer las necesidades no sólo académicas, sino también profesionales del área.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos los derechos reservados.

Considerações iniciais

O avanço da ciência, promovido, entre outros fatores, pela vontade incansável do ser humano de saciar a sua enorme curiosidade e pela valorização crescente do conhecimento científico na solução de problemas prementes da sociedade e também como produto mercadológico altamente rentável atrelado ao desenvolvimento econômico, tem resultado na criação de uma impressionante gama de periódicos científicos. Associada a esse crescimento está a diferenciação cada vez mais intensa das áreas de conhecimento ou campos do saber. Tudo indica que essa tendência de crescimento vai continuar agora impulsionada por um novo ingrediente, que são as publicações eletrônicas viabilizadas pela moderna tecnologia da informação.

A criação de periódicos não segue uma lógica definida, de modo que ela pode estar associada a uma variedade de interesses, necessidades e motivações de diferentes instituições como universidades, associações científicas, agências de fomento, editoras comerciais, entre outras. Disto resulta uma diversidade de periódicos, que cobre todas as áreas de conhecimento, com política editorial, estrutura e dinâmica de publicação, distribuição e comercialização também bastante diversificadas. Provavelmente, o único aspecto em comum a todos eles é que a publicação pressupõe a participação indispensável de três “atores”: autores, revisores e editores.

Existem atualmente periódicos de caráter mais genérico que não delimitam uma comunidade específica, abrindo espaço para a divulgação de conhecimentos de diferentes especialidades (por exemplo, *Science* e *Nature*), mas a grande maioria é delimitada por áreas de conhecimento ou campos de investigação específicos (por exemplo, *Journal of Applied Physiology*, *Journal of Experimental Psychology* e *Journal of Sociology*).

Duas funções básicas têm sido comumente atribuídas aos periódicos científicos: (a) viabilizar a comunicação entre os pares de uma comunidade científica, ou seja, congregar pesquisadores que estudam e investigam determinados objetos, fenômenos, eventos e temáticas e (b) divulgar os conhecimentos produzidos por essa comunidade.

Entretanto, os periódicos de áreas de conhecimento ainda incipientes têm atribuições e funções adicionais que são muito importantes. Em primeiro lugar, a de contribuir para a definição e legitimação da área de conhecimento, assumindo-se como um espaço genuíno

para a institucionalização do conhecimento produzido. Em segundo lugar, a de estabelecer critérios de qualidade para a realização e divulgação de pesquisas, reconhecidamente um aspecto didático muito relevante que tem enorme impacto na consolidação de áreas de conhecimento e consequentemente de seus pesquisadores.

O presente ensaio limita-se à análise dessas duas últimas funções, por entender que o estado da arte na área de Educação Física/Ciências do Esporte requer a presença de periódicos que contribuam para uma melhor definição da sua identidade como uma área de conhecimento e para a sua consolidação mediante divulgação de pesquisas pertinentes e qualificadas. O objetivo do texto é identificar e discutir algumas dificuldades e desafios na editoração de periódicos no cumprimento dessas funções e apresentar sugestões no tocante a tipos de periódicos para atender às necessidades não apenas acadêmico-científicas, mas também profissionais da área.

A dinâmica dos periódicos: busca incessante da credibilidade

Os periódicos conferem tanto ao conhecimento quanto aos produtores do conhecimento visibilidade no meio social em que se inserem. Os de elevada reputação, além da visibilidade lhes conferem legitimidade. Naturalmente, quanto maior a credibilidade do periódico, maior a visibilidade e legitimidade concedidas. De fato, periódicos científicos de qualidade possibilitam ascensão do pesquisador para efeito de promoção, reconhecimento e obtenção de status, posição e poder na comunidade científica. O ato de publicar, nesse cenário, torna-se uma evidência de efetivo engajamento na atividade de pesquisa e a qualidade desse ato é avaliada pelo seu produto, ou seja, pelos artigos publicados.

É por esse motivo que os pesquisadores vão sempre procurar os melhores periódicos para publicar os seus trabalhos. Como consequência, esses periódicos terão maior “oferta” de artigos e poderão tornar-se mais seletivos, com a aplicação de critérios cada vez mais rigorosos de aceitação, melhorando assim a sua qualidade (Tani, 2007). Esse círculo virtuoso é altamente desejável em todas as áreas do conhecimento, na medida em que promove a visibilidade e credibilidade tanto dos periódicos quanto dos pesquisadores.

Obviamente, a avaliação da qualidade dos periódicos não está livre de questionamentos, debates e controvérsias. Qualidade significa reconhecimento da comunidade científica e sua avaliação envolve subjetividade. Um critério para avaliar o grau de reconhecimento de um periódico científico de forma mais objetiva tem sido a sua indexação tendo por base o fator impacto (Garfield, 1955, 1972), não sem críticas e restrições (Strehl, 2005). Mas, tudo indica que ainda não foi proposto um critério alternativo mais adequado; apenas avaliações complementares como aquela que leva em consideração as atividades científicas mais gerais de especialidades ou grupos de pesquisa. Portanto, a busca de melhores critérios para a avaliação da qualidade precisa continuar. E nessa construção coletiva, por pares, os pesquisadores necessitam ser mais propositivos e não se limitarem a apontar falhas existentes. A responsabilidade é da própria comunidade científica e não das agências de fomento e de avaliação como muitos pesquisadores pensam.

Como se sabe, há vários indexadores, dos mais exigentes aos mais acessíveis, dependendo da abrangência da base de dados e do rigor adotado na análise (por exemplo, Lilacs, Scielo, Medline, JCR, etc.). O que importa registrar é que para elevar a credibilidade, os periódicos buscarão sempre indexadores cada vez mais qualificados e os pesquisadores procurarão publicar seus artigos em periódicos mais bem indexados (Tani, 2007).

Os periódicos da Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades, desafios e propostas

Num artigo anterior (Tani, 2007), propus a ideia de que seria interessante para a Educação Física no Brasil a publicação de três tipos de periódicos: a) os centrados na divulgação de artigos originais de pesquisa (com dados empíricos) de caráter acadêmico e profissionalizante; b) os que veiculam artigos direcionados à disseminação de conhecimentos procedimentais (no texto original, somente conhecimento, o que pode ter gerado dificuldades de compreensão), pontos de vista, orientações e experiências úteis à intervenção profissional; e c) os direcionados à divulgação de ensaios temáticos de posicionamento acadêmico e de reflexão filosófica. Como exemplos ilustrativos desses três tipos diferenciados de periódicos foram apontados, respectivamente, o *Research Quarterly for Exercise and Sport*, o *Journal of Physical Education, Recreation and Dance* - JOPERD e a *Quest*.

Essa proposição baseava-se na constatação de que os periódicos existentes no país, provavelmente em virtude da ausência de uma preocupação mais séria e sistemática com relação a uma melhor definição da base epistemológica da área, encontravam dificuldades para assumir, de forma clara e inequívoca, uma política editorial capaz de diferenciar artigos de diferentes características e propósitos, estabelecendo, dessa forma, diretrizes para orientar a sua submissão, análise e avaliação. Os periódicos, ao não se posicionarem em relação ao foco de suas publicações, deixavam abertas as portas para a submissão de textos das mais variadas temáticas e naturezas, criando muitas vezes expectativas falsas em relação à sua aprovação e suscitando críticas aos critérios de avaliação utilizados, quando os mesmos não eram aceitos para publicação.

Claro está que para a publicação de três tipos diferenciados de periódicos, é necessário refletir sobre o estado da arte da área e discutir a efetiva possibilidade e a real capacidade para a sua implementação. A proposição feita no artigo anteriormente mencionado (Tani, 2007) enquadrava-se no âmbito do futuro desejável, mas é possível avançar. Fundamentalmente, o que se necessita é de um quadro de pesquisadores produtivos à retaguarda capaz de dar sustentação à publicação dos três tipos de periódicos, garantindo a sua periodicidade e continuidade.

É importante e oportuno aqui destacar que a produção científica da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil tem mostrado um crescimento vertiginoso nas últimas duas décadas no que se refere ao volume de publicações, com destaque para o aumento de artigos em periódicos internacionais (Kokubun, 2006). Indubitavelmente, uma conquista da área que deve ser reconhecida e enaltecida. No entanto, esse crescimento, quando analisado com mais detalhe, evidencia uma preocupação de natureza fulcral: ele não tem ocorrido tendo como pano de fundo uma base epistemológica capaz de orientar a produção, a sistematização e a disseminação de conhecimentos. Deste modo, apesar de se verificar um aumento no volume de artigos publicados, não fica clara a sua efetiva contribuição para o crescimento acadêmico-científico da área.

A produção científica mostra uma nítida tendência, fortemente centrada em artigos anteriormente identificados como originais (a). Isto tem sido estimulado e impulsionado pelos programas de pós-graduação seguindo as regras e prioridades estabelecidas pelos órgãos de avaliação e de fomento (CAPES, CNPq, FAPEs) na análise de programas e processos. Contudo, os artigos direcionados para subsidiar a intervenção profissional (b) têm sido em número comparativamente menor e os ensaios de reflexão filosófica (c) têm sido escassos.

Como já argumentado, os pesquisadores procuram publicar seus artigos em periódicos mais bem indexados, ou seja, de maior qualidade. Existe na comunidade científica a compreensão de que a inserção internacional é o melhor indicador de qualidade, visto que o trabalho que se submete à crítica de uma comunidade mais ampla tem maiores probabilidades de possuir melhor qualidade do que aquele que se submete à avaliação de uma comunidade mais restrita. Em razão disso, os periódicos de circulação internacional, que são consultados por toda a comunidade científica e exerce uma grande influência sobre essa mesma comunidade tem sido reconhecido como os mais qualificados e, conseqüentemente, os mais bem indexados (Tani, 2007). Pesquisadores de todos os países procuram publicar seus artigos em periódicos internacionais. Os do Brasil não se constituem exceção e o interesse tem sido crescente.

Nesse cenário, considerando as publicações tanto em periódicos nacionais como internacionais, com destaque para os internacionais, a própria publicação de artigos originais (a) não tem estado livre de problemas. Obviamente, a situação ideal seria a publicação de artigos que mantêm relação com a especificidade da área em periódicos da própria área (tabela 1A). No entanto, é de se reconhecer que cresce cada vez mais a tendência de se levar em alta consideração apenas o impacto dos periódicos, sem se importar com a especificidade da área de conhecimento a que pertence. Busca-se nesse caso publicar artigos

em periódicos de áreas correlatas ou mesmo de áreas sem relação com a Educação Física/Ciências do Esporte. O importante é o status acadêmico conferido e o mérito científico reconhecido pelos periódicos de alto impacto.

Temos nesse caso artigos que mantêm relação com a especificidade da área sendo publicados em periódicos de outras áreas (tabela 1D). Isto não é, definitivamente, um problema para áreas de conhecimento tradicionais e consolidadas que congregam um número enorme de pesquisadores, demonstram elevada produção de artigos e possuem vários periódicos de impacto. Não é o caso da Educação Física/Ciências do Esporte, de forma que a contribuição desses artigos é questionável quando se considera o crescimento e consolidação da área. Questionável no sentido de que, apesar de a aceitação do artigo em periódicos de elevado impacto de outras áreas significar o reconhecimento do seu mérito científico e da sua contribuição para o avanço da ciência, fica a dúvida se isto resulta no crescimento da área. Isto porque, como foi apontado, possuir periódicos de impacto é visto como uma evidência de maturidade acadêmico-científica de uma área de conhecimento.

Um fato concreto que acontece na Pós-graduação ilustra o problema. Temos atualmente na área de Educação Física/Ciências do Esporte pouquíssimos periódicos no extrato Qualis A-1 (internacional) da CAPES. Porém cresce cada vez mais o número de pesquisadores que publicam seus artigos em periódicos A-1 de áreas correlatas e mesmo de áreas não relacionadas. Essa tendência provoca um efeito circular bem conhecido que é a elevação da mediana do fator impacto do conjunto dos periódicos em que os orientadores publicam, o que faz com que os específicos da área se distanciem cada vez mais do extrato A-1.

Problema maior se verifica quando pesquisadores publicam artigos que não guardam relação com a especificidade da área em periódicos de outras áreas motivados apenas pelo status que isto pode proporcionar (tabela 1C). Para efeito de evolução da área, a contribuição é nula.

Infelizmente, pesquisadores que não estão preocupados com o crescimento e consolidação da área, mas unicamente com o seu status como pesquisador, adotando um comportamento autocentrado na busca da produtividade a qualquer custo, têm aumentado. Eles são conhecidos no meio acadêmico como pesquisadores da “geração Lattes”. Isso tem gerado distorções na área como, por exemplo, a formação fictícia de grupos de investigação – verdadeiros “consórcios” de pesquisa, a falsa coautoria que resulta em publicação de artigos a granel e o cinismo produtivista de fazer crer que é possível a um único pesquisador publicar dezenas de artigos de qualidade, por exemplo, num período de um ano.

Esse lamentável crescimento não é, naturalmente, privilégio da área de Educação Física/Ciências do Esporte. Trata-se de um fenômeno generalizado na academia que tem sido objeto de críticas e reflexões inclusive na mídia. Muitos responsabilizam o sistema de avaliação da CAPES, a bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq e os critérios de avaliação adotados pelas agências de fomento à pesquisa por esse aumento. Pessoalmente não vejo o problema simples dessa forma, mas se isso procede, devem ser aprofundadas discussões éticas no interior da área para melhor balizar a conduta de pesquisadores. Na verdade,

Tabela 1 Relação do periódico e artigo à especificidade da área de conhecimento.

		Pertinência do artigo à área	
		Sim	Não
Pertencimento do periódico à área	Sim	A (ideal)	B (incoerente)
	Não	D (questionável)	C (nulo)

entendo que esses problemas remetem a questões mais gerais e de fundo que passam pelas discussões filosóficas e éticas mais amplas e aprofundadas sobre a universidade, a sociedade e a humanidade em última análise (Bento, 2012).

Cabe aqui uma pausa para análise e reflexão sobre o que está sendo ou não produzido na Educação Física/Ciências do Esporte do país, e as suas possíveis implicações. Quatro tendências merecem destaque: 1) a ênfase e a valorização de pesquisas de caráter acadêmico (básicas) têm resultado na negligência e a conseqüente pouca valorização de pesquisas de natureza profissionalizante ou de intervenção (aplicadas); 2) no domínio das pesquisas de caráter acadêmico, existe uma forte produção na área de estudos biocomportamentais e comparativamente reduzida produção na área de estudos socioculturais no que diz respeito a artigos; 3) a ênfase às pesquisas denominadas empíricas têm resultado na timidez de pesquisas no domínio das humanidades (filosóficas, literárias, artísticas, etc.); 4) a predominância da publicação de artigos na área de estudos biocomportamentais e de livros e capítulos de livro na área de estudos socioculturais; porém quando se considera o volume de publicações em forma de livros e capítulos de livro por pesquisador, os da área biocomportamental têm produzido tanto quanto ou até mais do que os da área sociocultural.

Essas tendências de publicações observadas na Educação Física/Ciências do Esporte evidenciam um quadro preocupante com sérias implicações acadêmicas e profissionais. Elas denunciam que a área carece de uma definição das suas bases epistemológicas para que as atividades de pesquisa desenvolvidas no seu interior resultem num corpo coerente e estruturado de conhecimentos capaz de evidenciar a identidade da área. Uma pergunta fundamental que deve ser feita neste momento é: fazemos parte das áreas de conhecimento de natureza acadêmica como a Física, a Química, a Biologia, a Sociologia e a Antropologia (básicas) ou profissionalizante/de intervenção como a Medicina, a Engenharia, a Agronomia, a Educação e a Administração (aplicadas)? Ou ambas? Quem somos nós? O que investigamos? Sem essa definição, as ambigüidades continuarão em todas as atividades desenvolvidas, incluindo a editoração de periódicos representativos.

Voltando ao problema da publicação de artigos que mantêm ou não relação com a especificidade da área de conhecimento em periódicos da área ou fora dela, outra indagação que emerge é se temos condições de manter uma posição e orientação crítica e firme em relação a esses problemas se os próprios periódicos da área aceitam artigos

que não têm relação com a sua especificidade (tabela 1B), ou seja, uma visível incoerência de critério. Como foi mencionada, existe uma dificuldade para os periódicos se posicionarem de forma clara em relação a esse assunto, pois uma pergunta anterior necessita ser respondida: como diagnosticar a pertinência da produção científica a uma determinada área de conhecimento, sem uma definição dessa área?

O problema da identidade

A pertinência da produção científica a uma determinada área de conhecimento precisa levar em consideração a natureza da mesma. Enquanto a Educação Física/Ciências do Esporte não se define como uma área de caráter acadêmico ou profissionalizante (de intervenção), os aderentes e simpatizantes de uma ou de outra concepção continuarão a defender um tipo de produção mais adequado à sua escolha (Tani, 2007). E, ao defenderem, têm a pretensão de que ela seja devidamente considerada e valorizada em todas as instâncias de avaliação, seja nos departamentos e instituições a que pertencem ou nos órgãos de fomento. Quando essa pretensão é contrariada, invariavelmente se indignam e gritam; porém não demonstram interesse em refletir sobre as causas do ocorrido, muito menos em contribuir para a solução do problema.

Apesar de as palavras “educação física” e “ciências do esporte” serem amplamente difundidas e extensamente utilizadas, como conceitos que delimitam e definem áreas de conhecimento são ainda carregados de dubiedades. Essas dubiedades põem em questão a consistência interna das orientações editoriais dos seus periódicos representativos. Seria coerente, por exemplo, um periódico representativo das Ciências do Esporte disseminar conhecimentos sobre dança, exercício ou jogo? Não seria plausível e esperado, seguindo-se raciocínio análogo, ter-se Ciências da Dança, Ciências do Exercício (como de fato existe), Ciências do Jogo e assim por diante para cada elemento da cultura de movimento?

Para se evitar esse tipo de pergunta, uma possível solução seria adotar o termo esporte com abrangência suficiente para abarcar todos os tipos de atividades motoras. Exatamente o que foi feito com o termo atividade física que resultou numa área denominada de Ciências da Atividade Física. No entanto, nesse caso, mais uma questão epistemológica surge: tomando-se a definição clássica de esporte como um fenômeno sociocultural, seria ele capaz de incorporar as atividades motoras filogeneticamente definidas como andar, correr, saltar, etc. sem cair em incoerência conceitual? São essas atividades, esporte? Não se está aqui tratando, obviamente, do correr e saltar do atletismo.

Outra questão intrigante é: quais seriam essas ciências que contribuem para compor as Ciências do Esporte? Seria a Psicologia uma delas? Admitindo que sim, seria a Psicologia do Esporte uma subárea de investigação da Psicologia ou das Ciências do Esporte? De um lado ou de outro, os argumentos para a legitimação do pertencimento ou para a denúncia do não pertencimento procedem. Na Psicologia um argumento frequentemente utilizado é de que os pesquisadores das Ciências do Esporte podem entender tudo de esporte, mas nada entendem de Psicologia. Nas Ciências do Esporte dá-se o inverso.

Uma possível solução para esse problema aparentemente insolúvel seria adotar a terminologia Ciência do Esporte (ciência no singular), assumindo a autonomia epistemológica, isto é, uma área de conhecimento com objeto de estudo, metodologia e paradigma próprios. Assim se procedendo, provavelmente seria mais apropriado utilizar-se apenas o termo Esporte e não Ciência do Esporte.

Fazendo-se um paralelo com o que ocorreu na discussão do chamado movimento disciplinar da Educação Física que se iniciou com as proposições de Henry (1964), o Esporte adotaria nesse caso uma estrutura transdisciplinar (*crossdisciplinar*) e não interdisciplinar. Na estrutura interdisciplinar a disciplina está baseada nos conhecimentos fornecidos por várias outras disciplinas tradicionais, chamadas de ciências mãe, como a Fisiologia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia (Brooks, 1981). Na estrutura transdisciplinar, por sua vez, a disciplina não se consiste da aplicação das disciplinas tradicionais à investigação de um objeto de estudo, mas da integração e ampliação de porções estudadas acerca desse objeto em disciplinas tradicionais (Henry, 1978). A questão agora é se Esporte, nessa configuração transdisciplinar, teria “cacife” acadêmico-científico para tamanho estatuto.

Em relação à Educação Física, os problemas de indefinição epistemológica são da mesma ordem. Como esse tema foi de nossa preocupação em textos anteriores, para não ser repetitivo, tomo a liberdade para sugerir aos interessados a leitura dos originais (Tani, 1988, 1989, 1996, 1998, 1999, 2006, 2008, 2010, 2011). Em suma, o problema da identidade persiste e dificulta a editoração dos periódicos na nossa área, cuja publicação pode contribuir para ampliar ainda mais as ambiguidades já existentes.

Mudança de rumo na academia

A ênfase à produção de artigos originais (a) não sofrerá modificações enquanto não houver uma ação mais sistemática de valorização dos outros dois tipos de artigos (b/c). Porém, como isso seria possível? Trata-se de um grande desafio, pois remete a uma verdadeira mudança no “modus operandi” da academia, mas algumas iniciativas podem ser pensadas.

Por exemplo, para a valorização de artigos direcionados à disseminação de conhecimentos procedimentais, pontos de vista, orientações e experiências úteis à intervenção profissional (b), seria fundamental uma mudança na avaliação das atividades docentes nas instituições de ensino superior, com a devida valorização das atividades de ensino e de extensão universitária. Isto porque, como esses artigos têm forte relação com a formação profissional e com a educação continuada, a sua valorização se daria com a própria valorização dessas duas atividades docentes.

Em um artigo anterior (Tani, 2011), propus uma mudança efetiva no funcionamento da universidade com vistas à valorização equitativa das suas três atividades fim, sugerindo a criação de um sistema de recompensa para premiar de forma concreta a produtividade no ensino e na extensão, como já acontece na pesquisa (por exemplo, bolsa PQ/CNPq). Foi reconhecido que as realizações no ensino e na extensão podem ser difíceis de serem avaliadas pela ausência de ferramentas como aquelas que são encontradas

para a avaliação da pesquisa, mas que a universidade deve dispor de especialistas em várias áreas do conhecimento para buscar soluções.

Entendo que somente com ações dessa envergadura e concretude mudanças significativas ocorrerão no interesse, esforço e dedicação para com a produção de artigos dessa natureza. Como a universidade é uma instituição burocratizada, pesada e lenta para pôr em prática mudanças operacionais de vulto, iniciativas locais e específicas poderiam ser implantadas, por exemplo, nos departamentos, com a premiação da produtividade nas atividades de ensino e de extensão mediante incentivo à participação em eventos, programas de aperfeiçoamento, visitas institucionais e assim por diante. Com a continuidade e disseminação dessa prática, poder-se-ia pensar, no futuro, a implantação de um sistema de premiação por remuneração, como já acontece com a pesquisa. Ao fim e ao cabo, essa iniciativa inovadora resultaria na criação de um mecanismo de estímulo à publicação de artigos diretamente relacionados com a melhoria da prática profissional (b).

No que se refere à valorização de artigos de posicionamento acadêmico e de reflexão filosófica (c), é necessário, em primeiro lugar, livrar-se do preconceito existente relativamente aos conhecimentos dessa natureza e, em segundo lugar, corrigir a miopia acadêmica prevalecente na comunidade. Está claro que esses periódicos não vão publicar apenas estudos concernentes à base epistemológica. Reflexões sobre as questões éticas, estéticas e filosóficas da área e sobre as questões da formação profissional, por exemplo, teriam nesses periódicos um espaço privilegiado de divulgação.

Mas, voltando às questões epistemológicas, se parar para pensar, percebe-se pronta e nitidamente que a busca de respostas para as questões centrais e prementes da área de Educação Física/Ciências do Esporte como tipo de pesquisa, estrutura do programa de pós-graduação, avaliação dos programas de pós-graduação, avaliação da produção docente, avaliação da produção institucional, característica do curso de preparação profissional, estrutura do currículo de preparação profissional, estrutura dos departamentos, regulamentação da profissão, qualidade do serviço e responsabilidade social e identidade da educação física escolar, esbarram invariavelmente no problema da identidade acadêmica e profissional da área (Tani, 2011). Em outras palavras, nas questões epistemológicas. A busca de respostas às dificuldades e desafios na editoração de periódicos não se constitui exceção. Essa é a realidade que a miopia acadêmica prevalecente na área não quer deixar enxergar.

Diante desse cenário, é muito difícil de compreender por que se têm ainda pouquíssimos pesquisadores envolvidos com o estudo dessa temática, ou seja, com a busca de uma melhor definição da identidade acadêmica e profissional da área. Assumindo o risco de omitir alguns nomes importantes é possível destacar os seguintes pesquisadores com as suas respectivas contribuições representativas: Betti (1996, 2005, 2007); Bracht (1993, 1995a, 1995b, 2000, 2003, 2009); Gaya (1992, 1994, 2006); Kokubun (1995); Kunz (1998, 2006, 2007); Lovisolo (1995, 1996); Moreira (1992; Moreira; Carbinatto, 2006); Pereira da Costa (1996; Pereira da Costa; Duarte, 2003). Considerando o contingente de docentes que atuam no ensino superior, especialmente aqueles que têm a formação de doutor e que assumem posições de

liderança na pesquisa e na orientação de pós-graduação, é de se reconhecer que tanto os pesquisadores quanto as contribuições são em número limitado.

Muitos continuam completamente afastados ou alienados da discussão, por puro desconhecimento (os chamados especialistas preocupados apenas com o seu campo específico de atuação e que dizem não ter tempo para discussões “paralelas”), por desinteresse para com qualquer coisa que seja acadêmica (os chamados práticos) ou por insensibilidade ao problema por considerar essa discussão inútil e irrelevante, ou seja, uma especulação filosófica sem resultados práticos (os chamados pesquisadores ortodoxos que fazem uma brutal ruptura entre ciência e filosofia, relegando o segundo a um plano secundário) (maiores detalhes em Tani, 2007, 2010). Evidentemente, não se está aqui advogando para que os pesquisadores abandonem os estudos na sua especialidade para se dedicar integralmente às questões epistemológicas. Sabe-se, salvo melhor juízo, que não temos na Educação Física/Ciências do Esporte epistemólogos genuínos de formação, mas cabe um esforço coletivo para avançar nessas questões tão cruciais para o seu desenvolvimento.

Tenho insistentemente denunciado esse estado de “letargia” coletiva (Tani, 1996, 2000, 2007, 2010, 2011), sem muito sucesso. Entretanto, percebo mais recentemente que esse quadro de indiferença, apatia e insensibilidade em relação aos problemas epistemológicos começa a mudar não pelo reconhecimento da necessidade, o que apesar de tardio seria desejável, mas por força das circunstâncias. A CAPES tem introduzido importantes modificações no Qualis da área 21 (Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional), classificando os periódicos tendo em conta a sua pertinência à especificidade da área. Disto resultaram os critérios hoje conhecidos como EPIST 1, 2, 3 e 4. Sem dúvida, um significativo avanço que despertará o interesse da comunidade para as questões até hoje vistas com muito preconceito e desdém. Espero que, num futuro não muito distante, um periódico especializado em divulgar reflexões rigorosas acerca das questões epistemológicas da área seja sentido não apenas como importante, mas profundamente necessário. Afinal, o papel dos periódicos é também o de induzir e estimular permanentemente a discussão de temas e preocupações que devem fazer parte da agenda de uma área de conhecimento, especialmente naquelas ainda incipientes que necessitam melhor definir a sua identidade.

Considerações finais

Para cumprimento de suas funções, é necessário que os periódicos se estabeleçam e se consolidem. Isto implica a presença de uma comunidade científica dinâmica. A Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil já venceu uma importante etapa que foi a criação de uma cultura acadêmica de publicação, fortemente induzida pelas demandas dos programas de pós-graduação. É oportuno lembrar que há quinze anos, a grande maioria dos orientadores de pós-graduação “*stricto sensu*” em Educação Física/Ciências do Esporte não publicava um artigo sequer no biênio. Muitas críticas à política e aos procedimentos de avaliação da CAPES não levam em consideração essa constrangedora realidade presente naquela época. Como

justificar programas de pós-graduação na ausência de orientadores minimamente produtivos em pesquisa, se a pós-graduação é essencialmente pesquisa (Kokubun, 2003, 2006; Tani, 2000)? A Educação Física/Ciências do Esporte necessitava de uma boa “chacoalhada” acadêmica se quisesse continuar no sistema de pós-graduação. Como é bem conhecido, isto de fato ocorreu a partir da avaliação de programas em 1998, quando a CAPES introduziu uma nova sistemática de avaliação. A existência de um programa com conceito 7 (USP) na atualidade pode ser inferida como uma evidência de que a resposta da área ao “tsunami” provocado pela chacoalhada tem sido efetiva.

Temos hoje uma comunidade científica sustentada por mecanismos de fomento das suas atividades de pesquisa, incluindo os processos de aperfeiçoamento do pesquisador como programas de pós-doutoramento. O cenário é propício para os periódicos estabelecerem normas e valores culturais, criando condições institucionais para a sua sobrevivência, desenvolvimento e consolidação. Nessas circunstâncias, problemas de matriz técnica e operacional, comumente apontados como centrais na editoração de periódicos científicos, e que são de fato graves, como a falta de compromisso e pontualidade dos consultores para emitir parecer que acarretam descontinuidade de suas edições, a falta de apoio institucional e de recursos financeiros, a falta de infraestrutura técnico-administrativa para a editoração, parecem ser de menor monta, diante das dificuldades que emanam de questões epistemológicas.

Um periódico carrega para dentro de si todas as ambiguidades, problemas e indefinições da área e os dissemina, contribuindo para a sua ampliação. Falta à Educação Física/ Ciências do Esporte uma incursão mais profunda sobre a história da ciência, a filosofia da ciência e a epistemologia (Tani, 1996). Mesmo porque a definição de uma identidade acadêmica que oriente e organize a produção de conhecimentos e promova a consolidação da área mediante pesquisas científicas abrangentes e profundas devem ser entendidas não apenas como metas, mas como necessidades imperativas para a Educação Física/ Ciências do Esporte até mesmo para se justificar como área de conhecimento merecedor de um lugar na academia e conseqüentemente na universidade (Tani, 1996). Não se pode olvidar ou subestimar o importante papel que têm os periódicos nesse empreendimento.

A publicação dos três tipos de periódicos sugeridos pode contribuir para a solução de vários problemas e suprimento de várias lacunas da área. No que se refere aos periódicos de artigos originais (a), com os cuidados apontados e correções de rumo sugeridos, devidamente considerados, continuarão a desempenhar importante papel no crescimento e consolidação acadêmico-científica da Educação Física/ Ciências do Esporte como área de conhecimento. Os periódicos de subsídios para intervenção (b) desempenharão papel fundamental na melhoria da prática profissional ao difundir conhecimentos de aplicação prática para elevar a qualidade do serviço prestado à sociedade no atendimento de suas necessidades. Os periódicos de posicionamento e de reflexão filosófica (c) desempenharão uma importante função de fazer a área olhar para si, para dentro dela, constantemente, questionar-se nos seus fundamentos epistemológicos e deontológicos, para poder avançar com um norte sempre à vista.

Conflitos de interesse

O autor declara não haver conflitos de interesse.

Referências

- Bento, J. O. *Corrida contra o tempo: posições e intervenções*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; Campinas: Centro de Estudos Avançados da Unicamp, 2012.
- Betti, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.
- _____. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 3, p. 183-197, 2005.
- _____. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2007.
- Bracht, V. Educação física/ciências do esporte: que ciência é essa? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 14, n. 3, p. 111-118, 1993.
- _____. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: Ferreira Neto, A.; Goellner, S. V.; Bracht, V. (Orgs.). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995a. p. 29-49.
- _____. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “o que é educação física?” *Movimento (ESEF/UFRGS)*, v. 2, n. 2, p. i-viii, 1995b.
- _____. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in) feliz. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 1, p. 53-63, 2000.
- _____. Identidade e crise da educação física: um enfoque epistemológico. In: Bracht, V.; Crisório, R. (Orgs.). *A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 13-29.
- _____. 30 anos de CBCE: os desafios de uma associação científica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 3, p. 31-44, 2009.
- Brooks, G. A. What is the discipline of physical education? In: Brooks, G. A. (Ed.). *Perspectives on the academic discipline of physical education*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1981.
- Garfield, E. Citation indexes for science: a new dimension in documentation through association of ideas. *Science*, v. 122, n. 3159, p. 108-111, 1955.
- _____. Citation analysis as a tool in journal evaluation: journals can be ranked by frequency and impact of citations for science policy studies. *Science*, v. 178, n. 4060, p. 471-479, 1972.
- Gaya, A. C. A. Por uma ciência do desporto para além do empirismo ativista e do intelectualismo militante. In: Bento, J. O.; Marques, A. (Eds.). *A ciência do desporto, a cultura e o homem*. Porto: Universidade do Porto, 1992. p. 79-90.
- _____. Mas, afinal, o que é educação física? *Movimento (ESEF/UFRGS)*, v. 1, n. 1, p. 29-34, 1994.
- _____. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. In: Tani, G.; Bento, J. O.; Petersen, R. D. S. (Eds.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 101-112.
- Henry, F. M. Physical education - an academic discipline. *Journal of Health, Physical Education and Recreation*, v. 35, n. 7, p. 32-33, 1964.
- _____. The academic discipline of physical education. *Quest*, v. 29, n. 1, p. 13-29, 1978.
- Kokubun, E. Negação do caráter filosófico-científico da educação física: reflexões a partir da biologia do exercício. In: Ferreira Neto, A.; Goellner, S. V.; Bracht, V. (Orgs.). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 53-69.

- _____. Pós-graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 24, n. 2, p. 9-26, 2003.
- _____. Pós-graduação em educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 20, Suplemento n. 5, p. 31-33, 2006.
- Kunz, E. Limitações no fazer ciência em educação física e esportes: CBCE - 20 anos auxiliando na superação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. esp., p. 4-11, 1998.
- _____. Pedagogia do esporte, do movimento humano ou da educação física? In: Kunz, E.; Trebels, A. H. (Orgs.). *Educação física crítico emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 11-23.
- _____. Ciências do esporte, da educação física e do movimento humano: prioridades, privilégios e perspectivas. In: Carvalho, Y. M.; Linhares, M. A. (Orgs.). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 87-106.
- Lovisoló, H. Mas, afinal, o que é educação física? A favor da mediação e contra os radicalismos. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, v. 2, n. 2, p. xviii-xxiv, 1995.
- _____. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. *Motus Corporis*, v. 3, n. 2, p. 51-72, 1996.
- Moreira, W. W. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In: Moreira, W. W. (Org.). *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992. p. 199-210.
- Moreira, W. W.; Carbinatto, M. V. Bases epistemológicas, a educação física e o esporte: possibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 20, Suplemento n. 5, p. 128-131, 2006.
- Pereira da Costa, L. Uma questão ainda sem resposta: o que é educação física. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, v. 4, p. i-x, 1996.
- Pereira da Costa, L.; Duarte, C. P. O debate epistemológico da educação física no âmbito dos cursos de pós-graduação stricto sensu reinterpretado por contribuições da teoria da complexidade de Morin. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 24, p. 132-140, 2003.
- Strehl, L. O fator de impacto do ISI e a avaliação da produção científica: aspectos conceituais e metodológicos. *Ciência da Informação*, v. 34, p. 19-27, 2005.
- Tani, G. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, S. C. E. (Org.). *Educação física e esportes na universidade*. Brasília: SEED-MEC/UnB, 1988.
- _____. Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. In: Simpósio Paulista de Educação Física, 2. 1989, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1989. v. 2, p. 2-12.
- _____. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, v. 3, p. 9-50, 1996.
- _____. 20 anos de ciências do esporte: um transatlântico sem rumo? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. esp., p. 19-31, 1998.
- _____. Atividade de pesquisa na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 13, n. esp., p. 20-35, 1999.
- _____. Os desafios da pós-graduação em educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, p. 79-90, 2000.
- _____. Comportamento motor e sua relação com a educação física. *Brazilian Journal of Motor Behavior*, v. 1, p. 21-30, 2006.
- _____. Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29, 1, 9-22, 2007.
- _____. Área de conhecimento e intervenção profissional. In: Corrêa, U. C. (Org.). *Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva*. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2008. p. 14-25.
- _____. Das pessoas às instituições: o Janus no ideário em educação física e ciências do desporto dos países lusófonos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 10, n. 1, p. 207-220, 2010.
- _____. A educação física e o esporte no contexto da universidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 25, n. esp., p. 117-126, 2011.